



## HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO COOPERATIVA: APLICAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES NA GESTÃO E NAS PRÁTICAS DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

### HUMANIZATION IN COOPERATIVE EDUCATION: APPLICATIONS AND CONTRIBUTIONS IN MANAGEMENT AND PRACTICES OF CREDIT COOPERATIVISM

### HUMANIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN COOPERATIVA: APLICACIONES Y APORTES EN LA GESTIÓN Y PRÁCTICAS DEL COOPERATIVISMO DEL CRÉDITO

Nelson José Thesing<sup>1</sup>  
Juliana da Fonseca Capssa Lima Sausen<sup>2</sup>  
Daniel Knebel Baggio<sup>3</sup>

#### RESUMO

O cooperativismo é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico territorial, cabendo destacar a representatividade do cooperativismo de crédito neste cenário. Em paralelo, evidencia-se contribuições da educação cooperativa sob a perspectiva da humanização para a gestão e práticas cooperativistas. Com base nestes aspectos, este artigo propôs investigar as aplicações e contribuições da educação cooperativa, à luz do contexto da humanização, no cooperativismo de crédito. Realizou-se pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas com gestores de três agências de crédito cooperativo, de um município do noroeste do Rio Grande do Sul. A pesquisa identificou que as estratégias e práticas das agências analisadas contemplam os valores, técnicas e métodos da educação cooperativa, e que a educação cooperativa é permeada por pressupostos humanizadores nestes locais. Conclui-se que a humanização na educação cooperativa contribui para a gestão e práticas das agências analisadas, impactando no cooperativismo de crédito, no cooperativismo e na sociedade, fomentando o desenvolvimento socioeconômico territorial.

**Palavras-chave:** Educação cooperativa. Práticas de humanização. Cooperativismo de crédito. Desenvolvimento regional.

---

<sup>1</sup>Doutor em Integração Regional – Universidade Federal de Pelotas. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUI - Mestrado e Doutorado. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Ijuí. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [nelson.thesing@unijui.edu.br](mailto:nelson.thesing@unijui.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7123-0717>.

<sup>2</sup>Doutoranda em Desenvolvimento Regional, com Mestrado em Desenvolvimento Regional. Bolsista Prosuc/Capes - Unijui/RS. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Ijuí. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [jucapssa@gmail.com](mailto:jucapssa@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4146-8294>.

<sup>3</sup>Doutor em Contabilidade e Finanças - Universidad de Zaragoza (2012) revalidado pela Universidade de São Paulo (USP) em Controladoria e Contabilidade. Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNIJUI - Mestrado e Doutorado e do Programa de Pós-Graduação em Gestão Estratégica de Organizações da Universidade Regional Integrada (URI). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Ijuí. Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: [danibaggio@gmail.com](mailto:danibaggio@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6167-2682>.

## ABSTRACT

Cooperativism is fundamental for territorial socioeconomic development, and it is worth noting the representativeness of credit unions in this scenario. In parallel, contributions of cooperative education are evidenced from the perspective of humanization for cooperative management and practices. Based on these aspects, this article proposes to investigate the applications and contributions of cooperative education, in the light of the context of humanization, in credit cooperatives. Bibliographic research, documentary research and interviews were carried out with managers of three cooperative credit agencies, in a municipality in the northwest of Rio Grande do Sul. The research identified that the strategies and practices of the analyzed agencies contemplate the values, techniques and methods of cooperative education, and that cooperative education is permeated by humanizing assumptions in these places. It is concluded that humanization in cooperative education contributes to the management and practices of the analyzed agencies, impacting on credit cooperativism, cooperativism and society, promoting territorial socioeconomic development.

**Keywords:** Cooperative education. Humanization practices. Credit cooperative. Regional development.

## RESUMEN

El cooperativismo es fundamental para el desarrollo socioeconómico territorial, y cabe destacar la representatividad de las cooperativas de ahorro y crédito en este escenario. Paralelamente, se evidencian aportes de la educación cooperativa desde la perspectiva de la humanización para la gestión y las prácticas cooperativas. A partir de estos aspectos, este artículo se propone investigar las aplicaciones y aportes de la educación cooperativa, a la luz del contexto de humanización, en las cooperativas de crédito. Se realizó pesquisa bibliográfica, pesquisa documental y entrevistas con gerentes de tres agencias cooperativas de crédito, en un municipio del noroeste de Rio Grande do Sul. La investigación identificó que las estrategias y prácticas de las agencias analizadas contemplan los valores, técnicas y métodos de la educación cooperativa, y que la educación cooperativa está permeada por supuestos humanizadores en estos lugares. Se concluye que la humanización en la educación cooperativa contribuye a la gestión y prácticas de los organismos analizados, impactando en el cooperativismo de crédito, el cooperativismo y la sociedad, promoviendo el desarrollo socioeconómico territorial.

**Palabras clave:** Educación cooperativa. Prácticas de humanización. Cooperativa de crédito. Desarrollo regional.

**Como citar este artigo:** THESING, Nelson José; SAUSEN, Juliana da Fonseca Capssa Lima; BAGGIO, Daniel Knebel. Humanização na educação cooperativa: aplicações e contribuições na gestão e nas práticas do cooperativismo de crédito. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 12, ed. esp. 2 (Dossiê Cooperativismo), p. 32-57, 27 maio 2022. DOI: [https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.2\(DossieCooperativismo\).3719](https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.2(DossieCooperativismo).3719).

**Artigo recebido em:** 03/05/2021

**Artigo aprovado em:** 06/04/2022

**Artigo publicado em:** 27/05/2022

## 1 INTRODUÇÃO

Nas dinâmicas institucionais de atuação, no campo socioeconômico, as cooperativas assumem papel cada vez mais relevante, especialmente ao tratar a questão do desenvolvimento territorial. Assim, a proposta básica contempla a união de pessoas para cooperarem entre si, conquistando benefícios comuns para todos. Esse processo demonstra a importância sistêmica do cooperativismo. Soma-se a isto, a contribuição das cooperativas, na geração de empregos, inclusão social e econômica, melhor distribuição de renda, e, por conseguinte, no desenvolvimento socioeconômico das comunidades (SARTOR; KNUPPEL, 2016).

Portanto, cabe destacar a relevância das cooperativas de crédito, tanto por sua representatividade territorial (OCB, 2018) como pelos benefícios, ao implementar as economias locais (FONSECA *et al.*, 2009) e, ainda, a democratização do crédito e desconcentração de renda (SARTOR; KNUPPEL, 2016), favorecendo o efeito multiplicador dos investimentos em nível territorial. Além disso, de acordo com o Anuário do Cooperativismo Brasileiro (2020), considerando os demais ramos de atuação cooperativista – agropecuário, consumo, infraestrutura, saúde, trabalho e produção de bens e serviços e transporte – as cooperativas de crédito assumem posição significativa em nível nacional, ocupando o 3º lugar em número de cooperativas, o 1º lugar em número de cooperados e o 3º lugar em número de colaboradores.

Por conseguinte, a produção teórica-metodológica amplia os sentidos e os significados dos princípios cooperativistas, condição necessária para percorrer, sem equívocos, o caminho cooperativista na prática, contribuindo para a sustentabilidade dos empreendimentos cooperativados, bem como. No desenvolvimento dos territórios (SILVA; SILVA, 2021). A partir daí, cabe destacar a importância da educação cooperativa, seja por sua relação direta com o quinto princípio cooperativista – educação, formação e informação – como por sua influência em todos os demais princípios e práticas que regem as dinâmicas internas e externas de atuação cooperativista.

Assim, cultivar a essência cooperativista, significa ter presente a humanização como pilar fundamental de uma efetiva educação cooperativa (SAFANELLI *et al.*, 2011). Afinal, cada vez mais a educação é o melhor caminho para a governança cooperativa, uma vez que, somente com a participação consciente e responsável do quadro social (SAUSEN *et al.*, 2019), as instituições cooperativas adquirem estabilidade e se desenvolvem em um processo permanente, de autogestão, de desenvolvimento integral e cooperativo das pessoas (FERREIRA; SOUSA, 2019), formando um verdadeiro conjunto orgânico, ensejando a aut Capacidade para geração de conhecimento e de sustentabilidade (SILVA; SILVA, 2021).

Soma-se a isto, as contribuições da educação cooperativa sob a perspectiva da humanização, no sentido de minimizar conflitos do cenário cooperativista, em especial, do cooperativismo de crédito, configurando um ramo cooperativista em que a dimensão financeira é mais evidente e, por este motivo, a exigência em produtividade para o alcance de metas e resultados é significativa e constante nas práticas cotidianas (SAUSEN *et al.*, 2019).

Portanto, considerando a relevância do cooperativismo e do cooperativismo de crédito para o desenvolvimento territorial, e as contribuições da educação cooperativa para a gestão e práticas cooperativistas, bem como, para minimizar conflitos característicos do cooperativismo de crédito, mediante a perspectiva da humanização, este estudo traz como questão de pesquisa a seguinte questão: em que pontos e até que pontos ocorre uma educação cooperativa voltada

para a humanização enquanto agente de contribuição no cooperativismo de crédito? Deste modo, o objetivo do estudo consiste em investigar as aplicações e as contribuições da educação cooperativa, à luz do contexto da humanização, no cooperativismo de crédito.

Assim sendo, foram analisadas três agências pertencentes à cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG – localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul e de significativo reconhecimento e representatividade neste estado. Considerou-se, ainda, a percepção dos gestores destas agências, uma vez que, é na gestão que são elaboradas e concretizadas as estratégias e práticas da educação cooperativa, que serão posteriormente compartilhadas com os colaboradores, associados e demais segmentos envolvidos no cenário cooperativista e que irão nortear todas as dinâmicas internas e externas de atuação deste cenário. Além disso, os gestores vivenciam mais de perto e possuem conhecimento mais sistêmico e aprofundado, quanto às dinâmicas de gestão e das práticas implementadas neste cenário.

Na sequência do artigo, é abordada a revisão de literatura, incluindo o contexto e os cenários do cooperativismo e do cooperativismo de crédito, a educação cooperativa como base da gestão e das práticas cooperativistas, e a humanização na educação cooperativa como fator de contribuição na gestão e nas práticas cooperativistas. Após, são apresentados os resultados e discussão, incluindo o contexto do sujeito e seus valores na educação cooperativa, bem como, os conteúdos e métodos educativos e humanizadores nas agências analisadas. Por fim, tem-se as considerações finais, os agradecimentos e informações, e as referências utilizadas no estudo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 COOPERATIVISMO E COOPERATIVISMO DE CRÉDITO: CONTEXTO E CENÁRIOS

As instituições cooperativas adotam o desenvolvimento cooperativo na sua essência. De acordo com a Lei Federal nº 5.764/1971 (BRASIL, 2021), as cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas à falência, constituídas para prestar serviços aos associados. As cooperativas atuam, portanto, como agente de desenvolvimento local/regional – em que os associados são donos e, também, participam da gestão do negócio – possibilitando a conjunção dos capitais social, financeiro e humano.

Segundo o Anuário do Cooperativismo Brasileiro (2020), em nível mundial, são 2,6 milhões de cooperativas, mais de 4 bilhões de pessoas envolvidas com o cooperativismo, pelo menos 12% da população é cooperada de qualquer uma das três milhões de cooperativas existentes e as 300 maiores cooperativas atuam em 100 países, congregam 1 bilhão de pessoas, faturam 2,1 trilhões de dólares e empregam 280 milhões de pessoas (10% da população).

No Brasil, nos últimos oito anos, o número de pessoas que se uniram ao cooperativismo cresceu 62% e os empregos aumentaram 43%. Também, de cada 10 brasileiros, quatro conhecem o cooperativismo e de cada 10 parlamentares do Congresso Nacional, 7,5 têm visão positiva do setor que soma R\$ 351,4 bilhões em ativos totais. Ainda, conforme informações do relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho (2020), são 6,8 mil instituições cooperativas, 14,6 milhões de associados e 425,3 mil empregos gerados no território nacional.

O cooperativismo arquiteta-se, portanto, como um lugar de reconstrução das condições de vida, tendo na economia humana o seu fundamento, estimulando a cooperação e protegendo os interesses de quem faz parte deste movimento (FRANTZ, 2012). As cooperativas constituem-se, a partir deste pressuposto, como agentes institucionais que, *a priori*, buscam viabilizar soluções econômicas para as pessoas, distribuir renda e gerar benefícios sociais, podendo contribuir para o progresso dos municípios e das demais localidades onde encontram ambiente propício para se destacarem e se desenvolverem (BIALOSKORSKI NETO, 2012).

Assim, o desenvolvimento cooperativo promove o desenvolvimento colaborativo e em cooperação entre instituições, lideranças e cidadãos, contribuindo para maximizar rendas; melhorar a distribuição de renda social e regional; elevar a qualidade de vida da população; aumentar o investimento e a capacidade social, científica e tecnológica de inserção competitiva; desenvolver programas de fomento, capacitação e integração; identificar potencialidades locais/regionais; executar programas estratégicos de desenvolvimento de inovação; bem como fortalecer e ampliar tecnologias de informação e conhecimento (BÜTTENBENDER, 2017).

Neste contexto, as cooperativas de crédito têm papel relevante no desenvolvimento. Conforme o Relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho (2020), 21 das 300 maiores cooperativas do mundo são do ramo de crédito. Informações do Anuário do Cooperativismo Brasileiro (2020) apontam que 34% dos brasileiros se relacionam com as cooperativas de crédito. São 909 cooperativas, 9,8 milhões de cooperados e 67,3 mil empregados no Brasil. Em participação de mercado, 10% do crédito tomado pelo pequeno negócio provém das cooperativas, que fornecem cerca de 20% de todo crédito não consignado no país.

As cooperativas de crédito formam a maior rede de atendimento financeiro no Brasil e em mais de 500 cidades são a única instituição financeira (OCB, 2018). O cooperativismo de crédito causa o impacto econômico gerado pelo aproveitamento das economias nos locais de origem, mediante intermediação financeira cooperativa (FONSECA *et al.*, 2009), com papel significativo no desenvolvimento social, proporcionando a democratização do crédito e desconcentração de renda (SARTOR; KNUPPEL, 2016). O ramo favorece, ainda, a amplitude do efeito multiplicador dos investimentos e a possibilidade de minimizar riscos, pois a própria comunidade é responsável pela análise da viabilidade e concessão deste empreendimento.

Buscando reafirmar o posicionamento e garantir a sustentabilidade das cooperativas, cabe destacar um conjunto de diretrizes denominadas de princípios do cooperativismo. Estes princípios constituem a linha orientadora que rege as cooperativas, formando a base filosófica da doutrina, que ao longo da história foi implementada. Sua última atualização foi em 1995 pela Aliança Cooperativa Internacional – ACI e constam referenciados pelo Portal do Cooperativismo Financeiro (2021). São eles:

1. Adesão Livre e Voluntária: Cooperativas são organizações voluntárias, abertas a todas as pessoas aptas a utilizar os seus serviços e assumir as responsabilidades como membros, sem discriminação de sexo/gênero, social, racial, política e religiosa.
2. Gestão Democrática: Cooperativas são organizações democráticas, controladas pelos seus membros, que participam ativamente na formulação das suas políticas e na tomada de decisões. Desta forma, homens e mulheres, eleitos como representantes dos demais membros, são responsáveis pela aplicabilidade destas práticas.

3. Participação Econômica: Os membros integrantes contribuem equitativamente para o capital das suas cooperativas e controlam-na democraticamente. Parte desse capital é, normalmente, propriedade comum da cooperativa. Os membros podem receber, habitualmente, havendo condições econômico-financeiras para tanto, uma remuneração sobre o capital integralizado, como condição de sua adesão.
4. Autonomia e Independência: Cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas pelos seus membros constituintes. Se firmarem acordos com outras organizações, incluindo instituições públicas, ou recorrerem a capital externo, as cooperativas devem fazê-lo em condições que assegurem o controle democrático pelos seus respectivos membros e também que mantenham a autonomia da cooperativa.
5. Educação, Formação e Informação: As cooperativas promovem a educação e formação dos seus membros, dos representantes eleitos e trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas.
6. Intercooperação: As cooperativas servem de forma mais eficaz aos seus membros e dão mais força ao movimento cooperativo, trabalhando em conjunto, por meio das mais diversas estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.
7. Interesse pela Comunidade: As cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável das suas comunidades mediante políticas aprovadas pelos membros.

Os princípios refletem uma postura equitativa entre diversos agentes organizacionais, devendo ser utilizados para colocar em prática os valores das cooperativas como linhas orientadoras de suas práticas. Portanto, reque-se que o discurso esteja alinhado com as características do contexto, com as decisões tomadas e com as práticas implementadas. E a educação cooperativa tem sido um dos pilares com vistas a tornar este cenário possível.

## 2.2 EDUCAÇÃO COOPERATIVA: BASE DA GESTÃO E DAS PRÁTICAS COOPERATIVISTAS

Ao falar em educação cooperativa, atenta-se para a prática econômica do cooperativismo, que se inspira nos valores da autonomia, democracia participativa, igualdade, equidade e solidariedade. Um processo que conta com a teoria social, na medida em que o cooperativismo é baseado, “na defesa de uma economia de mercado baseada em princípios não capitalistas, e sim de cooperação e mutualidade” (SANTOS, 2005, p. 33).

Significa um caminhar que tem em sua gênese os anos de 1840, onde foi gestada uma nova estrutura social denominada de cooperativismo, o cooperativismo moderno, tendo os primeiros passos ocorrido na Inglaterra e na França, principais centros de irradiação da cultura econômica capitalista (AGUIAR; REIS, 2002). Portanto, do ponto de vista dos arranjos sociais e produtivos, a cooperação é uma forma de integração social, uma ação conjugada, que une as pessoas, de modo formal ou informal, para alcançar objetivos comuns, que agem coletivamente de maneira semelhante por seus hábitos e processos educativos. Ainda, “o cooperativismo, enquanto doutrina, teoria, sistema ou movimento associativista de trabalhadores, é um

fenômeno moderno oriundo da oposição operária às consequências do liberalismo econômico praticado na Inglaterra e na França dos séculos XVIII e XIX” (COSTA, 2007, p. 58).

Por conseguinte, desde o século XVIII, “a teoria e as práticas cooperativistas têm suscitado um renovado interesse [...] que recuperou os elementos centrais do pensamento cooperativista [...] ativistas e governos progressistas [...] que surgiu no século XIX, com o objetivo de renovar a tarefa de pensar e de criar alternativas econômicas” (SANTOS, 2005, p. 35).

No campo do projeto político da classe operária enfrentado à época, as cooperativas surgiram como proposta a uma sociedade diferente, da qual foi fruto de dedicação, de momentos de reflexão e imaginação. Deste modo, em 1844 militantes e seguidores de Owen fundaram na pequena cidade de Rochdale, a “Sociedade dos Pioneiros Equitativos”, com base num conjunto de princípios, criaram uma proposta propriedade coletiva e autogestionada. Estes princípios serviriam de base para a manutenção da proposta do cooperativismo até os dias de hoje (RODRIGUES, 2014, p. 37).

Deste modo, a educação cooperativa é um dos pilares do desenvolvimento das cooperativas e esse reconhecimento vem desde as origens do movimento cooperativo, em 1844, na Inglaterra. Influenciados por Robert Owen, que se concentrou na educação das pessoas, na formação do novo homem e de um novo mundo moral; os Pioneiros de Rochdale, precursores do movimento cooperativista, contribuíram para que a educação se tornasse um princípio cooperativo.

Desde essa época, os pioneiros percebiam na educação um instrumento fundamental para alcançar uma melhor compreensão por parte dos envolvidos neste cenário, com base nas peculiaridades da organização cooperativa, com suas formas organizativas e econômicas distintas dos empreendimentos até então existentes.

Tem-se presente, neste cenário, os princípios de Rochdale (1844), contendo sete artigos considerados como “regras de ouro” 1) Adesão livre; 2) Controle democrático; 3) Devolução do excedente ou retorno sobre as compras; 4) Juros limitados ao capital; 5) Neutralidade política, religiosa e racial; 6) Vendas a dinheiro e à vista; e 7) Fomento do ensino em todos os graus. Posteriormente, para que se mantivessem aderentes à dinâmica social e considerassem os novos tipos cooperativos, estes princípios, aos poucos, vieram a somar-se aos princípios revisitados em 1937, 1966 e 1995, em Congressos coordenados pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), dando origem aos sete princípios já conhecidos e anteriormente mencionados: 1) Adesão livre e voluntária; 2) Gestão democrática; 3) Participação econômica; 4) Autonomia e independência; 5) Educação, formação e informação; 6) Intercooperação; e 7) Interesse pela comunidade.

Schneider (2003) destaca que, o quinto princípio cooperativo é reconhecido como parte desde a origem do cooperativismo com os pioneiros, que identificavam a ponte entre a proposta cooperativa, princípios e valores e a formação da identidade cooperativa. Ainda, para Schneider (2007), a educação cooperativa é considerada a “regra de ouro” da proposta cooperativa em decorrência de sua importância para a efetividade da proposta, e é a partir dela que se dá a possibilidade da compreensão dos outros princípios.

Portanto, a evolução dos princípios, doutrinas e valores do cooperativismo estiveram e estão presentes ao longo da história. Assim, constata-se que os avanços, conquistas e desafios

são cimentados pela tomada de consciência, fortalecida pelos princípios cooperativistas, onde os problemas são comuns e por meio da união de esforços, é possível superá-los proporcionando vantagens mútuas. Para Andreoli (2009, p. 2), “o processo de tomada de consciência e de organização é educativo, gerando conhecimentos e sociabilidade da cooperação e do cooperativismo”.

[...] as cooperativas eram algo mais do que um dos pilares do movimento operário, já que, como sua própria designação sugere, sempre foram também uma expressão da cooperação entre os homens. Uma expressão organizada da cooperação que a tem como eixo. [...] Por isso, as cooperativas estão longe de ser um fenômeno circunstancial historicamente datado e passageiro. Pelo contrário sendo organizações movidas pelo impulso da cooperação, radicaram-se através dele no que há de mais essencial das sociedades humanas (NAMORADO, 2005, p. 3)

Deste modo, significa compreender que a cooperação está sempre em um processo complexo de evolução, que necessita oportunizar um ambiente fértil para a tomada de consciência, estimulada por instrumentos que não apenas superem a desigualdade social, mas que, acima de tudo, atuem em direção à conquista de uma sociedade sustentável.

Assim, ao ter presente o crescimento e fortalecimento do cooperativismo, para gerar investimentos, social, econômico, cultural e ambiental, com bases no desenvolvimento do ser humano, aponta-se a necessidade de processos permanentes de formação fundamentados nos princípios do cooperativismo, para criar uma identidade social e fazer com que as pessoas se reconheçam como membros do cooperativismo, minimizando os impactos do paradigma da individualidade e da competição.

Enquanto instituições geridas por pessoas, as cooperativas têm seu potencial reconhecido por sua relevância no desenvolvimento socioeconômico local e regional. Essa potencialidade merece destaque, uma vez que essas instituições deveriam apresentar, em sua gestão, um equilíbrio entre duas vertentes: atuar como empresas e como associação de pessoas.

Esse equilíbrio deve ser constantemente reforçado pela educação cooperativa, por meio da vivência dos princípios cooperativistas ou pela capacitação técnica e específica para este tipo de instituição (MILAGRES; LACERDA, 2017). É por meio de uma efetiva gestão social que o cooperado poderá participar ativamente da cooperativa, tomando decisões que melhor garantam o sucesso da ação coletiva. Deste modo, é importante que se tenha muito claro o papel da educação no processo de gestão empresarial e social dessas organizações coletivas

De acordo com Safanelli *et al.* (2011), a educação considera três elementos: o sujeito da educação, o conteúdo da educação e o método educativo. O sujeito da educação é o ser humano. O conteúdo da educação envolve o conhecimento dos fatores internos e externos à cooperativa, sua natureza, filosofia doutrinária, princípios cooperativos, normas vigentes, direitos e deveres dos associados, parte técnica, estrutura interna e serviços. O método educativo considera que o planejamento da educação cooperativa deve permear sócios, administradores, técnicos e público, mediante diferentes programas de desenvolvimento e capacitação, ajustados caso a caso, tudo coordenado por meio de um programa integrado, amplo e comum.

A educação cooperativa é um processo de aprendizagem que abrange públicos distintos, diferentes demandas e que exige conteúdos variados nas propostas de capacitação. Contudo, a educação cooperativa deve ir além da educação formal, ao passo em que se compreende que esta proposta de educação estimula a participação dos cooperados e faz com que tenham



conhecimento sobre valores, princípios e normas da cooperativa, enfatizando o ideal cooperativista e contribuindo para o desenvolvimento comunitário (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018; SAUSEN *et al.*, 2019). Tem-se, neste contexto, a valorização de uma governança colaborativa.

Sendo assim, a governança colaborativa consiste em um modelo interativo com base na convergência de objetivos e na produção cooperativa de resultados, se constituindo como perspectiva emergente de gestão de interesses e enquanto forma de buscar solucionar problemas sistêmicos complexos (BARTZ; TURCATO; BAGGIO, 2019). Deste modo, compreender seus aspectos é essencial para as finalidades estratégicas e valorativas das organizações e seus respectivos territórios e dinâmicas de atuação. E no cenário cooperativista, construir a gestão estratégica de cooperativas impõe uma reflexão sobre a sustentabilidade, mediante o desenvolvimento econômico, social, ambiental, cultural e político/organizativo (BÜTTENBENDER; BRIZOLLA; DEVES, 2020).

Nas práticas internas e sistêmicas cooperativas produz-se educação. Assim, a organização cooperativa, além de seu sentido econômico, também é um lugar social de educação. Porém, conforme já evidenciado, na organização cooperativa, a educação aparece, muitas vezes, de forma difusa, associada a processos de comunicação, de interação entre os associados, dirigentes, funcionários ou outros interlocutores, presentes no espaço da cooperação (SOUSA *et al.*, 2018).

A dificuldade reside em saber despertar o interesse dos sócios para comprometer-se, uma vez que, de maneira geral as pessoas querem resultados imediatos e a imediatidade não faz parte da educação cooperativa. Ao contrário, a educação cooperativa é um processo que dura por toda a vida. Nos casos em que são evidenciados baixa interação entre a cooperativa e o quadro social ou desconhecimento por parte dos cooperados de seu papel de proprietário do empreendimento coletivo, verifica-se a importância da educação cooperativa em capacitar e problematizar, junto aos cooperados, os seus direitos e deveres, constituindo-se como estratégia fundamental para o comprometimento dos associados (SOUSA *et al.*, 2018).

Sob esta perspectiva, a educação cooperativa se move e se coloca em movimento, em nova ideia que tenta encarnar em uma prática e mudar a ideia em si (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018). Se constitui, portanto, em um processo permanente e contínuo de aprendizagem, que contempla todas as facetas do empreendimento cooperativo, uma educação que valoriza de igual modo o lado social, empresarial e as demandas específicas de formação das organizações e dos seus associados para melhor participar da cooperativa, em atendimento às particularidades de cada ramo cooperativista existente (FERREIRA; SOUSA, 2019).

A educação cooperativa deve, pois, contribuir para a formação do quadro associativo que, de forma autogestionada, se forme, individualmente e como grupo solidário. Aí está o grande desafio da educação cooperativa: colocando-se numa perspectiva de educação continuada ou de educação por toda a vida, cabe a ela o resgate e a reafirmação permanente do espírito dos fundadores ao longo das etapas de evolução e consolidação das cooperativas, trabalhando e aprofundando os aspectos relativos à identidade cooperativa (FRANTZ, 2012).

A expressão “educação cooperativa” contém termos que estão intimamente ligados. No processo da educação, é possível identificar práticas cooperativas e no processo da cooperação pode-se identificar práticas educativas. No centro desta inter-relação, está a comunicação. A

organização da cooperação, nos aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir (BIALOSKORSKI NETO, 2012). Nesse processo de interlocução de saberes, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e potencializam-se como práticas sociais específicas.

As cooperativas necessitam de programas de comunicação que favoreçam a articulação interna e externa de seus públicos e que estabeleçam uma dimensão apropriada para divulgar e incorporar os valores e princípios que as perpassam, pois as ações organizadas devem fazer parte de um programa permanente, com iniciativas e objetivos definidos, para fortalecer as ações de educação cooperativa (SOUSA *et al.*, 2018). Verifica-se, portanto, a contribuição da comunicação como importante ferramenta para atingir e reforçar a educação cooperativa junto à organização do quadro social e dos envolvidos, direta ou indiretamente, na cooperativa.

É a partir da comunicação dos cooperados que emerge uma das funções essenciais da educação cooperativa: racionalizar e organizar o comportamento dos associados, dentro de um espírito cooperativo. A questão central para a educação cooperativa é viabilizar um processo dinâmico de construção da inteligência coletiva, fundada no conhecimento, na reciclagem das aprendizagens e em saberes particulares pela crítica interlocução de seus associados, embasados em princípios democráticos e práticas participativas (SAFANELLI *et al.*, 2011).

A educação tem uma função construtora e reconstrutora dos diferentes espaços da vida, entre os quais também está a economia da cooperação. Pela educação para a cooperação procura-se influenciar as ideias, os valores, os modos de pensar dos associados, sugerindo ou levando-os a comportamentos e visões de mundo favoráveis à natureza da prática cooperativa. Porém, para compreender a relação entre educação e cooperação em suas formas e mecanismos práticos, em seus sentidos e significados, deve-se primeiramente compreender a dimensão da cooperação: processo social ou estratégia de atuação no mercado? (FRANTZ, 2012).

Visando alcançar as boas práticas de governança cooperativa, a educação agrega aspectos técnicos, políticos e culturais, voltados à qualificação para o mundo do trabalho e para o mundo da economia, entendida como produção e distribuição de riquezas materiais e espirituais de vida. Nessa perspectiva, faz-se necessário um trabalho que reforce a educação cooperativa na gestão da cooperativa, com a dupla finalidade de manifestar sua potencialidade, econômica e social (MILAGRES; LACERDA, 2017; SARTOR; KNUPPEL, 2016), pois os processos educativos no cooperativismo são meios de transmissão dos valores orientados para melhor relação e organização do fluxo de informações, direcionada aos associados e públicos afins. Neste contexto, a humanização na educação cooperativa vem para preencher tais lacunas e demandas, buscando contribuir efetivamente para a gestão e as práticas cooperativistas.

### 2.3 A HUMANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO COOPERATIVA: CONTRIBUIÇÃO NA GESTÃO E NAS PRÁTICAS COOPERATIVISTAS

Conforme evidenciado, nas seções anteriores, a contribuição de um sistema cooperativo, de fato, ocorre na medida em que recursos humanos capacitados e voltados para funções diretivas, gerenciais e operacionais, aliados à conscientização dos associados, em relação ao papel econômico-político e social em que estão organizados, atingem as demandas pré-estabelecidas pelo movimento. Um processo que desafia a formação cooperativista, seja do quadro social, ou funcional do empreendimento cooperativado.

Desta forma, o processo de formação cooperativista, apresenta por natureza a responsabilidade social, com base nos princípios éticos de uma sociedade, inseridos na cultura organizacional e nos processos da empresa, na forma de valores e atitudes mais humanos (SAUSEN *et al.*, 2019). Destaca-se, neste contexto, o princípio cooperativo da Educação, Formação e Informação, bem como, a sua capacidade de conscientização e valorização do ser humano e do processo democrático.

A educação é um processo que se realiza, de forma complexa e múltipla, nas relações sociais em diferentes espaços da vida humana: no trabalho, nos grupos sociais, nos movimentos sociais, na família, na escola, na igreja, no partido, no sindicato e, inclusive, na cooperativa. Os seres humanos se educam nas relações sociais do trabalho, se educam pela comunicação crítica, pelo debate e argumentação, sobre os diferentes aspectos de suas vidas. O conteúdo desse processo educativo é, por isso mesmo, ora mais técnico ora mais político (SAFANELLI *et al.*, 2011).

Assim como a governança colaborativa, a governança territorial demonstra um cenário de transição de um espaço de diálogo que avança focado exclusivamente na ótica econômica para a dimensão da ciência política e da administração, com vistas a uma gestão mais inclusiva e corresponsável (BARTZ; TURCATO; BAGGIO, 2019). A educação cooperativa é, pois, um processo permanente de desenvolvimento integral e cooperativo das pessoas, ensejando a aut capacidade para geração de conhecimento e poder, de viabilizar condições de progresso, formando um verdadeiro conjunto orgânico, onde as diferenças individuais são úteis para o desenvolvimento do grupo (FERREIRA; SOUSA, 2019) e em contexto mais amplo, contribuindo para o desenvolvimento das diversas regiões e territórios (SAUSEN *et al.*, 2019).

Cabe destacar, contudo, que os valores humanos são a essência do cooperativismo e dão identidade ao movimento. A cooperação – definida pela capacidade de planejar, gerir e executar estratégias e ações em conjunto ou alinhadas – valoriza as relações humanas e, a partir daí, aumenta a confiança e credibilidade, produz aprendizagens e identidades, defende interesses comuns, fortalece marcas, gera ganhos de escala, possibilita acesso a mercados, amplia a competitividade e tonifica os arranjos institucionais, produzindo benefícios para os membros de determinado grupo, mas também para a sociedade (BÜTTENBENDER, 2017).

Deste modo, no cenário cooperativista, os três elementos da educação – o sujeito da educação, o conteúdo da educação e o método educativo – deverão ter como ponto de partida o ser humano. A efetividade da educação cooperativa está, portanto, na humanização. Desta forma, se impõe no movimento cooperativo, uma reflexão sobre a metodologia e técnicas educativas com a filosofia implícita em seus princípios: concepção do homem e dos objetivos almejados por meio da educação (SAFANELLI *et al.*, 2011). A partir daí, o ser humano, pelo conhecimento, pela educação, pela aprendizagem, constrói os sentidos de sua existência.

O conhecimento, como parte fundamental da educação, é gerado pela capacidade de pensar e viver o mundo, de atribuir significados à realidade, no esforço por entender e fazer a vida. No processo da convivência social e de produção de sua sobrevivência e afirmação, seja na relação com a natureza ou com os demais seres humanos, o ser humano constrói conhecimento, processa educação, aprende e desenvolve capacidades (FRANTZ, 2012).

A educação cooperativa humanizadora leva à autonomia e autogestão, em prol de um contexto e sentido maior. A possibilidade de contribuir para o desenvolvimento, mudanças e

transformações da realidade, por meio da educação cooperativa, tendo em vista a melhoria das condições de vida das populações, coloca o desafio de construir importantes espaços pelo entrelaçamento e pela integração das práticas de educação e de cooperação, como processos sociais de afirmação e de emancipação de seus sujeitos (FERREIRA; SOUSA, 2019).

Em outras palavras, o movimento cooperativo é caracterizado por uma autodisciplina coletiva, oportunizando o desenvolvimento do ser humano em todos os níveis – moral, social, cultural e intelectual (SAUSEN *et al.*, 2019). Para tanto, requer-se que o associado seja educado. Afinal, a possibilidade de contribuir efetivamente para o desenvolvimento do ser humano dá-se, de maneira relevante, por meio da atitude de assumir a educação cooperativa.

O cooperativismo oferece, portanto, a possibilidade de unir o ser humano e procurar sua autonomia em um quadro democrático, além de permitir o reconhecimento da solidariedade, da equidade e da liberdade (SILVA; SILVA, 2021). Para além de um espaço econômico, a cooperativa é uma escola humanista e que contribui para a formação e para a elevação dos cooperados como pessoas e como cidadãos (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018).

Do ponto de vista humano, a educação cooperativa visa promover o senso de responsabilidade, de solidariedade, de auxílio mútuo, de justiça social e a promoção da própria cidadania. Assim sendo, o trabalho e a educação, como atividades humanas, entrelaçam-se, constituindo um processo determinante para a formação social de uma sociedade e a educação cooperativa se constitui, portanto, como um importante impulsionador dos objetivos cooperativos e da própria democracia, dentro e fora do sistema cooperativo (FRANTZ, 2012).

Com o intuito de realizar essa reconstrução social a partir da experiência humana, a educação deve melhorar a experiência pessoal e permanente do ser humano, fornecendo bases abertas para o futuro e fundamentos renovados. A experiência pessoal deve ser adquirida mediante a educação de forma ampla, para o bem de todos. Crianças, adolescentes, adultos, em sua totalidade, devem ser educados para pensar as realidades culturais e sociais em que estão constantemente imersos para melhor ação (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018).

Sob o viés da educação cooperativa, as estratégias passam a ter preocupações voltadas ao ser humano e à origem de sua existência. Cada vez mais, os espaços naturais e sociais de vida são interdependentes e exigem cooperação (FRANTZ, 2012). A solidariedade e a cooperação passam a ser necessidades e existe a oportunidade de gerar uma nova consciência social e ambiental que se traduz em uma dimensão educativa como base para novos valores e comportamentos. Frente a isso, a educação e a cooperação se entrelaçam e se potencializam como processos sociais acolhedores dos desafios práticos da vida (SILVA; SILVA, 2021).

Diante desse cenário, pode-se constatar que as instituições cooperativas se tornam importantes espaços de comunicação, aprendizagem e educação, o que contribui para a sua sobrevivência e sustentabilidade, perante o contexto capitalista que rege estas instituições e suas relações com o mundo do trabalho. E paralelo a este contexto, a humanização vem se constituindo como pilar fundamental de uma efetiva educação cooperativa, com vistas a positivas transformações neste cenário e em suas dinâmicas internas e externas de atuação, buscando contribuir tanto para os segmentos atuantes no cooperativismo, como também para os agentes envolvidos nos diversos processos de desenvolvimento regional e territorial.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se classifica como social, de abordagem qualitativa. Social, pois tem como campo de investigação a realidade social, envolvendo aspectos relativos ao ser em seus múltiplos relacionamentos com outros seres e instituições sociais (GIL, 2019). Qualitativa, uma vez que buscou aprofundar-se no mundo dos significados, utilizando metodologia não-estruturada, proporcionando a compreensão do contexto do problema (MINAYO, 2016),

Quanto aos objetivos, a pesquisa é exploratória e descritiva. Exploratória, uma vez que possibilita investigar novos achados e perspectivas acerca da temática abordada (GIL, 2019). Deste modo, a pesquisa abre precedentes para maior investigação acadêmico-científica quanto à educação cooperativa e sua aplicabilidade e contribuição na gestão e nas práticas do cooperativismo e, especificamente, do cooperativismo de crédito, pela perspectiva da humanização. A pesquisa é também descritiva, pois propõe descrever as características do fenômeno em questão, estabelecendo relações entre variáveis (GIL, 2019).

Para maiores constatações acerca da relevância e da aplicabilidade da temática proposta, foi aplicado estudo de caso. Este método constitui-se como uma investigação empírica acerca de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos e pelo qual são utilizadas várias fontes de evidência (YIN, 2015). O método aplicado para esta pesquisa foi o estudo de caso embutido. Este método considera múltiplas unidades de análise. Deste modo, foi realizada pesquisa em três agências pertencentes à cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG, localizadas em um município pertencente à região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

O relatório Expressão do Cooperativismo Gaúcho (2020) destaca que o Rio Grande do Sul tem mais de 2,9 milhões de associados distribuídos em 444 cooperativas, ou seja, mais da metade da população gaúcha (52,6%) envolvida no cooperativismo. Também são evidenciados faturamento recorde de R\$ 48,9 bilhões e R\$ 18 bilhões em patrimônio líquido com incremento de mais de 14% em relação ao ano anterior; acréscimo de 7,8% em ativos, atingindo R\$ 76,4 bilhões; 64,6 mil empregos e crescimento de 11% nas sobras apuradas. Já no ramo de crédito, são 2,1 milhões de associados, 87 cooperativas e 10,8 mil empregos gerados. Estes dados demonstram a expressividade do cooperativismo gaúcho, inclusive, em nível nacional, o que aponta um campo fértil para a pesquisa.

Nesta complexidade do sistema de crédito, a pesquisa mergulha no Sicredi, que é um mundo cooperativado, reconhecido por desenvolver e implementar estratégias humanizadoras e sustentáveis, em âmbito interno e nas comunidades. Cabe destacar, ainda, o reconhecimento e a representatividade da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG. Conforme o relatório da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG (2020), esta possui mais de 57 mil associados e mais de 300 colaboradores, tendo alcançado resultado de R\$ 42,3 milhões durante o ano de 2020.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e outubro de 2020. Foi realizada pesquisa bibliográfica, principalmente em livros e em artigos acadêmico-científicos acerca das temáticas abordadas e com a finalidade de contextualização do estudo, embasamento do referencial teórico e como complemento aos dados empiricamente coletados. Também foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a pesquisa documental e entrevistas.

A pesquisa documental foi realizada em relatórios do cenário cooperativista e no relatório da cooperativa das agências analisadas, utilizados como suporte para a

contextualização do estudo e para os dados coletados nas entrevistas, bem como, para alcançar um conhecimento mais aprofundado acerca do perfil e das estratégias e ações referentes à cooperativa de crédito e às suas respectivas agências consideradas neste estudo.

Buscando alcançar o objetivo do estudo, as entrevistas contaram com um roteiro em formato semiestruturado, elaborado pelos autores da pesquisa e orientados pelas construções teóricas-metodológicas que o campo de estudo aponta. Este roteiro trouxe questões referentes aos elementos constitutivos da educação cooperativa (sujeito da educação, conteúdo da educação e método educativo), aspectos concernentes à perspectiva da humanização neste contexto, estratégias e práticas de gestão implementadas nas agências analisadas e de que forma todos estes elementos de inter-relacionam no cenário do cooperativismo de crédito considerado.

As entrevistas foram aplicadas individualmente e *online*, para seis gestores, nas funções de Gerente Geral e Gerente Administrativo-Financeiro das agências analisadas, sendo metade do sexo masculino e a outra metade do sexo feminino, com idades entre 29 e 42 anos, e tempo considerável de atuação, de 12 a 21 anos, na cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG. Os gestores foram escolhidos como sujeitos desta pesquisa, uma vez que, é na gestão que são elaboradas e concretizadas as estratégias e práticas da educação cooperativa, compartilhadas com os demais segmentos envolvidos no cooperativismo e devido ao fato de serem sujeitos que vivenciam mais de perto e possuem um conhecimento mais sistêmico e aprofundado, no que condiz à realidade das dinâmicas de gestão e práticas neste cenário.

Já na análise e interpretação dos dados do estudo, utilizou-se como metodologia a análise de conteúdo por categorias. Esta tipologia consiste em desmembramentos do conteúdo em unidades e reagrupamentos analógicos, destacando a categorização, a descrição das categorias, bem como as inferências e a interpretação dos resultados (BARDIN, 2018).

Para chegar aos resultados do estudo, considerando a relevância do cooperativismo e do cooperativismo de crédito, bem como da educação cooperativa e da humanização neste cenário, os princípios e conceitos destas vertentes foram as categorias inter-relacionadas com os dados coletados. Estes dados, referentes às agências analisadas, resultaram em categorias referentes ao sujeito e seus valores na educação cooperativa, e aos conteúdos e métodos educativos e humanizadores, cabendo destacar algumas falas transcritas dos entrevistados na análise.

O Quadro 1, a seguir, apresenta uma síntese do desenho da pesquisa, contendo a natureza, abordagem, níveis, método, bem como as técnicas de coleta e de análise dos dados.

Quadro 1 – Classificação da pesquisa

Natureza	Abordagem	Nível	Método	Técnicas de Coleta	Técnicas de Análise
Social	Qualitativa	Exploratório Descritivo	Estudo de caso embutido	Pesquisa bibliográfica Pesquisa documental Entrevistas	Análise de conteúdo por categorias

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Após os procedimentos teóricos-metodológicos, a próxima etapa do estudo apresenta os resultados e discussão, incluindo o contexto do sujeito e seus valores na educação cooperativa, bem como os conteúdos e métodos educativos e humanizadores nas agências analisadas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 O SUJEITO E SEUS VALORES NA EDUCAÇÃO COOPERATIVA DAS AGÊNCIAS ANALISADAS

As estratégias de educação cooperativa implementadas pelas agências analisadas no estudo, buscam cada vez mais contemplar o equilíbrio entre a dimensão econômica e a dimensão social (MILAGRES; LACERDA, 2017; SARTOR; KNUPPEL, 2016). *“Sempre foi falado no econômico, social e ambiental, esse tripé sempre foi observado”* (Gerente da Agência 3). *“O social contribui para o financeiro e o financeiro para o social, e as cooperativas têm isso como base. A medida de desempenho do cooperativismo reafirma isso”* (Gerente da Agência 2). *“O social e o resultado devem caminhar juntos”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

A humanização, enquanto pilar essencial e propulsor da educação corporativa (SAFANELLI *et al.*, 2011; SAUSEN *et al.*, 2019) sempre esteve presente nas práticas das agências analisadas. *“O Sicredi é bem forte nessa questão das pessoas, não se consegue dissociar isso”* (Gerente da Agência 2). *“Valorizamos muito as pessoas, os relacionamentos, vemos que as pessoas são o nosso principal capital”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Este aspecto, contudo, está mais evidente como resultado de um processo de conscientização e reestruturação voltado a um novo modelo de gestão. *“Sempre houve preocupação com as pessoas, só que agora ela está mais intensa”* (Gerente da Agência 3). *“A gestão de pessoas evoluiu bastante com o passar do tempo”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). *“Teve um período em que focamos na parte comercial, depois retomamos para essa transformação de humanização e pessoas, de buscar oferecer o que é melhor para o associado, para a comunidade. De passar do perfil mais agressivo para um perfil mais coletivo. O social está vindo com força”* (Gerente da Agência 2).

*“Qual é o nosso propósito? Agregar renda e contribuir para melhoraria da qualidade de vida das pessoas e da comunidade. Estamos sendo provocados a fazer uma reflexão e olhar isso no dia a dia. Por trás de um crédito que entregamos, tem a realização de sonhos, a melhoria da propriedade do nosso associado, das atividades da empresa dele, conseguimos talvez contribuir para a geração de empregos, para solucionar alguma dificuldade que ele está passando. Procuramos olhar para isso e por trás das soluções financeiras que entregamos, tem algo muito maior. Temos um propósito maior, voltado para o bem das pessoas, das comunidades onde a gente atua”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A comunicação da essência cooperativista humaniza o conteúdo e os métodos da educação cooperativa (SAFANELLI *et al.*, 2011). *“Aprendemos muito a diferença de ter o cooperativismo em uma sociedade. Onde atuamos, levamos o cooperativismo e falamos da diferença dele, levando propósito, um capitalismo até mais justo, desde a formação do colaborador, de olhar para o associado, para o bem comum, não só para resultado. Tem fins lucrativos, mas tem que beneficiar todos”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Em outras palavras, *“vemos isso desde a formação dos nossos colaboradores, mudando a mentalidade do foco no produto para o foco no associado, o que vai fazer ele feliz, quais as necessidades dele, desde o atendimento personalizado até explicar para o associado o que é uma cooperativa de crédito, qual o nosso valor, eu percebo claramente que fazemos a diferença”*

*na vida do associado, que ter um propósito faz muita diferença, porque eu passo a entender que eu não tenho uma meta, mas sim um propósito”* (Gerente da Agência 1).

Com base nesta evolução da educação cooperativa e devido ao caráter sistêmico do cooperativismo, é constatada nas agências, a educação cooperativa como um processo coletivo de aprendizagem (FERREIRA; SOUSA, 2019). *“Instigamos muito o trabalho em equipe, olhar para o todo. O trabalho em conjunto é a força do cooperativismo, fazendo juntos, fazemos mais e melhor”*. (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). *“Tanto interna quanto externamente, nos preocupamos em trabalhar embasados na nossa missão e isso impacta em todas as atividades. Tentamos trabalhar e envolver cada vez mais, até os parceiros, mas internamente também o público. É uma engrenagem, tem que girar de forma harmônica para atingirmos os objetivos de gestão”* (Gerente da Agência 3).

Os gestores das agências também percebem a educação cooperativa como um processo contínuo e permanente de aprendizagem (FERREIRA; SOUSA, 2019) e como estratégia de sustentabilidade (SILVA; SILVA, 2021). São *“vários impactos positivos que geramos na sociedade local de forma social, de olhar a transparência, a confiança, a sustentabilidade no longo prazo”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). Assim, cabe destacar que *“ter um resultado que você consiga comemorar com as pessoas, todo mundo junto, é gratificante, mas o tempo e dedicação são bem maiores* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Neste contexto, a autonomia e autogestão dos indivíduos em prol do grupo (FERREIRA; SOUSA, 2019) também são evidenciadas nas estratégias de educação cooperativa, direcionadas aos segmentos envolvidos nas dinâmicas das agências. *“É bem forte a questão da autonomia. O Sicredi fornece as ferramentas para que o indivíduo se desenvolva, mas acaba partindo muito do próprio indivíduo* (Gerente da Agência 2). O Gerente da Agência 3 pontua: *“estou fazendo um curso sobre equipes autogerenciáveis, relacionado a instigar as pessoas a se autogerenciarem, produzirem, conversarem mais e terem ideias inovadoras*. Este mesmo gerente destaca também o envolvimento do associado nas decisões das assembleias.

Ainda, mediante a busca da autonomia, vem a participação consciente e responsável dos cooperados (SAUSEN *et al.*, 2019), outra importante característica da educação cooperativa. *“Temos gestores desenvolvendo relacionamento com os colaboradores, com a sociedade. Cada vez mais temos um elo de participação dos associados que começa nas assembleias, com os nossos coordenadores de núcleo e internamente faz com que as pessoas participem, tragam mais ideias. Fazendo parte da construção, irão trabalhar mais empenhados, motivados, gerando resultados às vezes imensuráveis”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

O relacionamento é a principal marca das agências. *“Devemos ter visão do negócio, mas, sobretudo, habilidade de construir relacionamentos, eu devo ter objetivos de produtos, serviços, resultado, mas número é consequência, construímos números na relação com o associado e na relação interna, atendendo o associado de forma a identificar oportunidades de melhoria para a vida dele”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). Neste cenário, *“os gestores têm uma habilidade de se relacionar muito bem com a equipe, colegas, associados, eles têm que ter a capacidade de ouvir, porque numa conversa com o associado, irão perceber o perfil dele, terão que se adequar a esse perfil, adequar a comunicação, o atendimento conforme o perfil”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).



E a proximidade está no cerne destes relacionamentos. *“Realizamos trocas de experiências, reuniões internas, reuniões de negócios com os associados. O relacionamento, estar próximo dos associados, isso é um diferencial da instituição”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). *“A assembleia, as reuniões com os coordenadores, é onde temos esse contato realmente próximo com todos”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). *“Estar dentro dos valores da instituição, dentro do que buscamos, que é o entender, estar próximo, ativo, lado a lado”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Neste cenário, a cordialidade se apresenta fundamental: *“tratar bem, atender sempre com um sorriso, cumprimentar, estar disponível para a sociedade, tanto dentro da agência quanto fora”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). A transparência também. *“Tem uma inter-relação muito grande com o que a gente fala, faz e exercita no dia a dia”* (Gerente da Agência 3). *“Fazemos questão de chamar o sócio e mostrar essa transparência, destacando a missão do cooperativismo, apresentando o resultado e destinando recursos para a sociedade, falando de valor, estando próximo, junto com a missão de levar o cooperativismo para o maior número de pessoas”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Como consequência da transparência e do cenário humanizado da educação cooperativa, tem-se a confiança. *“Temos essa relação bem próxima, com bastante confiança. As pessoas preferem dar resultado quando estão lado a lado do que quando alguém está frente a frente, só cobrando e mandando”* (Gerente da Agência 1). *“A missão está lincada com tudo que fazemos no dia a dia, tem correlação direta devido a essa transparência e confiança que construímos com os associados”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). *“Confiança é algo super importante, gestores com colaboradores, colaboradores com associados. Questão de integridade, ética”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Em resumo, e em acordo com os valores humanos de solidariedade, equidade e liberdade, preconizados pela adoção da educação cooperativa como estratégia transformadora e humanizadora (SAFANELLI *et al.*, 2011; SAUSEN *et al.*, 2019), o Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2 destaca *“a questão do reconhecimento, valorizar as pessoas, as boas práticas, o desempenho de todos”*, enquanto o Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3 evidencia o fato de que *“a cooperativa tem se preocupado cada vez mais em olhar o colaborador como um todo, não invadindo o pessoal dele, mas realmente se importando, ajudando ele a ter melhor qualidade no trabalho e isso passa também pelas relações que construímos no dia a dia, se falamos de forma humanizada, carinhosa, sincera, sempre tendo um canal aberto de comunicação, de liberdade, aí conseguimos ajudar o colaborador a ter um melhor desempenho, entendendo que ele não é só o trabalho, mas que ele tem a questão pessoal que é muito importante”*.

A educação cooperativa passa, portanto, pelo bem-estar do ser humano, impactando na saúde física – *“temos atividades da laboral”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2), *“para gerentes e colaboradores é disponibilizado todos os anos um checkup da saúde”* (Gerente da Agência 1) – emocional – *“o programa Bem-Estar é um número que se o colaborador pode ligar para conversar, tem pessoas prontas para atender, é anônimo”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1) – e espiritual – *“começamos a semana com uma mensagem mais positiva, cada semana uma pessoa fala, melhorando o clima, e essa parte mais humana, próxima, é fundamental”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Diante dos resultados apresentados, quanto ao sujeito e seus valores, são evidenciadas aplicações e contribuições da humanização na educação cooperativa das agências analisadas, no que condiz ao equilíbrio entre as dimensões econômica e social; implementação de modelo consciente de gestão; humanização do conteúdo e dos métodos; processo coletivo, permanente e contínuo de aprendizagem; autonomia e autogestão em prol do grupo; participação consciente e responsável; relacionamento como principal marca; relações de proximidade, cordialidade, transparência e confiança; valores de solidariedade, equidade, liberdade e integralidade; e promoção do bem-estar físico, emocional e espiritual do ser humano.

#### 4.2 CONTEÚDOS E MÉTODOS EDUCATIVOS E HUMANIZADORES NAS AGÊNCIAS ANALISADAS

Quanto aos recursos necessários à educação cooperativa (FERREIRA; SOUSA, 2019), “temos o FATES, Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social, em que parte dos nossos recursos, destinamos para esse fundo, para treinamentos e capacitações” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). A educação cooperativa é, portanto, incentivada nas dinâmicas de atuação das agências. “A cooperativa nos ajuda bastante, incentivando nosso desenvolvimento e habilidades, formações, palestras, tudo vem a somar de forma intelectual, nos fornecendo empoderamento para fazermos o que temos que fazer no dia a dia (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3). “A cooperativa investe nisso para nós, gestores, e para as equipes. Nossos coordenadores de núcleo, que nos representam nas comunidades, também recebem capacitações” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A educação cooperativa é constituída desde o ingresso do cooperado/colaborador. “Quando o colaborador entra na empresa, já recebe um treinamento, um programa de integração, em que é abordada essa parte da instituição, nossa missão, valores, princípios. Quando recebemos na agência um novo colaborador, apresentamos o que é o Sicredi, os números, nossa abrangência, valores, missão, reforçamos isso” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Referente à apropriação da educação cooperativa (FERREIRA; SOUSA, 2019), “todo mundo está lendo, estudando, fazendo muita coisa para conseguir fazer essa adaptação a nesse novo modelo, um modelo mais forte de propósito” (Gerente da Agência 3). “Todos vêm nessa busca constante de melhorar seu posicionamento e argumentação” (Gerente da Agência 1). “Entrando na questão de aprendizado e capacitações, a cooperativa investe nisso tanto para nós, gestores, como para as equipes” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

A comunicação que a educação cooperativa promove é fundamental nos locais de investigação do estudo. Referente às oportunidades de desenvolvimento voltadas aos colaboradores, “temos adotado o Evolução, que é um sistema interno relacionado à nossa participação nos resultados, onde cada um propõe desafios junto com o seu gestor” (Gerente da Agência 1). “Quem nos avalia é o nosso gestor imediato e também nossos colaboradores, então traz essa interação com todos os envolvidos na gestão (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). Quanto às ferramentas de interação direcionadas para os associados, “o Conecta, é uma forma de venda entre os associados, os associados vendem e compram no site do Sicredi, interagindo entre si (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

E nos processos de comunicação, o feedback contribui para o diagnóstico de melhorias e oportunidades a serem implementadas nos processos de educação cooperativa. Para os colaboradores, “tem uma pesquisa a cada dois anos sobre o clima organizacional e, com base nos resultados, construímos em conjunto ações para melhorar o que precisa ser melhorado” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). Quanto aos associados, é utilizado o que se chama de NPS – Net Promoter Score, que “vai te dar o índice de contentamento e satisfação dos associados” (Gerente da Agência 3) em relação às estratégias das suas respectivas agências.

A realização de programas de educação cooperativa é uma importante possibilidade de estimular a participação dos indivíduos envolvidos na gestão da sociedade de pessoas. Desta forma, em conformidade com informações do Relatório da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG (2020), tem-se programas de educação financeira e cooperativa para gestores, colaboradores, associados e parceiros, com a intenção de deixá-los conscientes do seu papel e de seus direitos na sociedade, colaborando também para difundir a cultura de cooperação.

A educação financeira é pauta nos treinamentos, transparecendo a preocupação com a qualidade de vida dos diversos públicos atuantes nas agências. “A cooperativa entende que temos que começar a educação financeira dentro da empresa” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). Quanto ao público interno, “*o programa Cooperar na Ponta do Lápis busca ensinar a importância do controle financeiro, de fazer o dinheiro trabalhar para nós e não nós pelo dinheiro*” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

No que condiz aos associados “procuramos falar sobre educação financeira” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). Também, “*na Semana da Educação Financeira tem eventos de ensino nas escolas, com palestras do quanto é importante esse acompanhamento financeiro destinado às famílias*” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1).

Portanto, as estratégias e as práticas de educação cooperativa evidenciadas, contemplam diferentes espaços – técnicos, políticos e culturais – da vida humana partindo de contextos específicos para cenários mais amplos de atuação cooperativista (OURO-SALIM; BA; ROSALEM, 2018; SAUSEN et al., 2019). “Sempre procuramos priorizar e valorizar os associados, pois eles possuem relacionamento conosco, e valorizar a economia da região, porque o retorno também vem para nossas comunidades” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). “Os recursos investidos e gerados aqui, ficam na comunidade, na região” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

Entre os eventos comunitários, cabe destacar o Programa Empreender para Transformar (PET). “É *um programa social que traz sustentabilidade econômica, social, ambiental*” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). “São projetos das comunidades avaliados por comissões de coordenadores. Esse ano a equipe foi mais questionadora, apoiando projetos com mais possibilidades de contribuir para a transformação da comunidade” (Gerente da Agência 3). “Só aqui na agência, tivemos 54 projetos inscritos. No último projeto, foram disponibilizados para o município 150 mil reais” (Gerente da Agência 1). O Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3 menciona, ainda, o programa de cunho educacional “A União Faz A Vida, que a cooperativa faz nas escolas e que, em alguns municípios, consiste em levar o conhecimento sobre a importância do cooperativismo para as crianças”. Este programa tem, portanto, como objetivo construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, a partir da realização de atividades em salas de aulas e na comunidade, que são conduzidas por professores treinados e capacitados.

*O Dia C, data dedicada especialmente ao cooperativismo, também é um evento de destaque do qual as agências participam, sempre marcado por ações socioambientais. “Ano passado foi realizado plantio de árvores numa encosta de rio, a gente fez a reforma de algumas salas da APECAN, organização do câncer”* (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). Destinamos em torno de oito cestas básicas para três entidades, para cada uma, beneficiando pessoas que precisavam” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

De fato, a dupla finalidade da educação cooperativa, social e econômica (MILAGRES; LACERDA, 2017; SARTOR; KNUPPEL, 2016), manifesta-se na repercussão das práticas cotidianas das agências analisadas. “Na medida em que olhamos para as pessoas, valorizamos elas, estamos próximo delas e buscamos o desenvolvimento e aprendizado delas, acredito que elas se sentem melhores, mais motivadas e, conseqüentemente, a produtividade e qualidade das entregas serão maiores. A pessoa, a empresa e o associado ganham” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2).

Para além da preocupação social, as estratégias da educação cooperativa também permeiam práticas voltadas aos espaços naturais da existência do ser humano (FRANTZ, 2012), passando por questões de conscientização ambiental. “Aplicamos um questionário para os associados sobre risco socioambiental, tem o nosso próprio financiamento de energia solar, com taxas atrativas que os incentivam a usar esse recurso” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). “A sustentabilidade das agências se dá com energia fotovoltaica, reciclagem de papel, imprimir o necessário” (Gerente da Agência 3). “Temos créditos de carbono, não costumamos aprovar créditos com empresas que não são éticas ambientalmente” (Gerente da Agência 2). “Cuidados com luz, água” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 2). “Nossas torneiras nos banheiros são com válvula” (Gerente da Agência 1).

Tais debates e preocupações de cunho ambiental perpassam, ainda, o contexto interno das agências, buscando contemplar o ecossistema de atuação cooperativista como um todo. Neste sentido são destacadas ações como “plantio de árvores para quantas folhas a gente usar” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1), sendo que “todo esse cuidado está ligado com o pensamento no ser humano, o pensamento no futuro, no sentido de nos tornarmos sustentáveis, se não cuidamos dessa parte, acabamos não vendo muita perspectiva de futuro para a humanidade” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 3).

Contudo, apesar da participação de muitos agentes nas dinâmicas cooperativistas, conforme Sousa et al. (2018), existem alguns progressos a serem realizados, principalmente quanto aos associados acerca dos processos de educação cooperativa. “Uma das dificuldades é conscientizar os associados das vantagens que eles têm ao trabalhar com a cooperativa” (Gerente da Agência 3). “Ainda tem muitos associados que percebem o Sicredi como banco, também precisamos ter rentabilidade. Então, é importante envolver mais os associados nesse entendimento do que é o cooperativismo, como viver o cooperativismo, no que isso pode melhorar como pessoa, família, questão financeira, o quanto essa forma de ser cooperativista pode agregar na sociedade” (Gerente Administrativo-Financeiro da Agência 1). Segundo o Gerente da Agência 3: “Não é cobrar, é conscientizar, fazer com que as pessoas comprem a ideia, trabalhem mais e atinjam melhores resultados”. Afinal, a educação cooperativa é um processo gradativo de conscientização, seja para associados, mas também no contexto geral.

Entretanto, estratégias futuras continuam contemplando a educação cooperativa nessas agências. “Temos um programa a ser implementado, um programa de liderança por sucessão,

que vem nessa pegada de transformação do Sicredi. Fica o desafio para os gestores darem continuidade à visão, missão e valores do Sicredi, aos princípios, para que as novas gerações que estão por vir possam dar continuidade à filosofia do Sicredi” (Gerente da Agência 2).

Portanto, analisando o cenário geral das agências analisadas e do cooperativismo, frente à educação cooperativa e ao papel da humanização nas dinâmicas internas e externas de atuação, as perspectivas são positivas. “Estamos no caminho, as coisas estão acontecendo em uma velocidade bem legal. A ideia é que a gente vá fazendo as pessoas, no futuro, a assumirem as agências já com visão para este novo modelo mais humanizado. Observando nossa missão, iremos aumentar o relacionamento, ter o associado satisfeito, conseguimos atender ele de forma mais integral e, com isso, vamos ganhando mais associados e dando resultados cada vez maiores, tornando a empresa cada vez mais sustentável” (Gerente da Agência 3).

Considerando os resultados da pesquisa, constata-se que os conteúdos e métodos da educação cooperativa nas agências analisadas estão alinhados com a humanização na educação cooperativa e permeiam diversos aspectos que são aplicados e que contribuem para o desenvolvimento destas agências e de todo o seu entorno, tais como: incentivo da educação cooperativa; educação cooperativa desde o ingresso dos cooperados; engajamento, comunicação, feedback e participação dos cooperados; atuação sistêmica das agências e dos segmentos envolvidos; capacitações e programas assistenciais internos, comunitários e regionais; programas de educação financeira e socioambiental; e pretensão de investimentos futuros que incluem maior conscientização dos associados na educação cooperativa e implementação do programa de sucessão de lideranças, além de perspectivas positivas para a educação cooperativa, com foco na humanização.

Ao buscar sintetizar os resultados da pesquisa, com base nas percepções dos gestores das agências analisadas, o Quadro 2 apresenta os valores humanos, bem como os conteúdos e os métodos educativos cooperativos e humanizadores, evidenciados nestes locais.

Quadro 2 – Valores humanos, conteúdos e métodos da educação cooperativa nas agências analisadas

<b>Valores Humanos</b>	<b>Conteúdos e Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Equilíbrio entre dimensões econômica e social.</li> <li>• Modelo consciente de gestão.</li> <li>• Humanização do conteúdo e dos métodos.</li> <li>• Processo coletivo, permanente e contínuo de aprendizagem.</li> <li>• Autonomia e autogestão em prol do grupo.</li> <li>• Participação consciente e responsável.</li> <li>• Relacionamento como principal marca.</li> <li>• Relações de proximidade, cordialidade, transparência e confiança.</li> <li>• Valores de solidariedade, equidade, liberdade e integralidade.</li> <li>• Bem-estar físico, emocional e espiritual do ser humano.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentivo da educação cooperativa.</li> <li>• Educação cooperativa desde o ingresso dos cooperados.</li> <li>• Cooperados engajados.</li> <li>• Comunicação, <i>feedback</i> e participação dos cooperados.</li> <li>• Atuação sistêmica.</li> <li>• Capacitações e programas assistenciais internos, comunitários e regionais.</li> <li>• Educação financeira e socioambiental.</li> <li>• Investimentos de maior conscientização dos associados na educação cooperativa.</li> <li>• Programa de sucessão de liderança.</li> <li>• Perspectivas positivas para a educação cooperativa, com foco na humanização.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Assim sendo, com base na percepção dos gestores respondentes, o Quadro 1 demonstra a evidência e relevância da humanização nos valores e, conseqüentemente, nos conteúdos e métodos da educação cooperativa, que permeia as estratégias e práticas implementadas pelos

diversos atores nos locais de investigação do estudo, contribuindo para a otimização e sustentabilidade destes locais e de suas dinâmicas internas e externas de atuação cooperativa.

Tais aspectos projetam a humanização na educação cooperativa como elemento estratégico e valorativo que é aplicado e contribui na gestão e nas práticas das agências analisadas, impactando no cooperativismo de crédito, no cooperativismo como um todo e na sociedade, sendo de considerável importância para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico territorial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a relevância do cooperativismo e do cooperativismo de crédito para o desenvolvimento territorial, e as contribuições da educação cooperativa para a gestão e práticas cooperativistas, bem como, para minimizar conflitos característicos do cooperativismo de crédito, mediante a perspectiva da humanização, este estudo cumpriu o objetivo de investigar as aplicações e as contribuições da educação cooperativa, à luz do contexto da humanização, no cooperativismo de crédito, a partir da análise de três agências da cooperativa Sicredi das Culturas RS/MG, de um município do noroeste do Rio Grande do Sul.

O estudo permitiu concluir que as estratégias e as práticas cooperativistas implementadas nas agências analisadas, buscam cada vez mais contemplar os valores, assim como as técnicas e os métodos característicos da educação cooperativa. Educação esta que, vinculada diretamente ao princípio cooperativista da educação, formação e informação, vem a contribuir para a otimização das dinâmicas internas e externas de atuação cooperativista.

O estudo possibilitou, ainda, identificar proximidades das práticas de educação cooperativa implementadas com os princípios cooperativistas – adesão livre e voluntária, gestão democrática, participação econômica, autonomia e independência, intercooperação e interesse pela comunidade – reafirmando a coerência entre discurso e prática na gestão das agências analisadas. Significa que a educação cooperativa se constitui como uma importante estratégia que permeia e contribui para reafirmar todos os demais princípios cooperativistas.

Igualmente, a pesquisa identificou a humanização, que se configura como estratégia agregadora e indispensável no que condiz aos pressupostos e aplicações da educação cooperativa nas agências analisadas e em seus contextos de atuação, reafirmando os valores essenciais do cooperativismo enquanto espaço político e democrático, que incide nos aspectos empresariais e, ao mesmo tempo, nos aspectos associativos da vida cooperativa e humana.

Evidencia-se, também, que a humanização na educação cooperativa contribui positivamente para a promoção da inovação, transformação e evolução dos processos e dinâmicas de gestão e das práticas dos locais analisados no estudo, ensejando sua capacidade de contribuição econômica, social e ambiental também em contextos mais amplos, incluindo os cenários do cooperativismo de crédito, do cooperativismo como um todo e a sociedade, possibilitando transformações positivas e significativas para o desenvolvimento territorial.

Ainda, são destacadas as contribuições teóricas e práticas deste estudo, quanto a abordagens acerca da educação cooperativa, da humanização nos processos de gestão e do cooperativismo de crédito. Por conseguinte, a pesquisa apresenta sua relevância para

acadêmicos, docentes e teóricos das áreas da gestão, da educação e do desenvolvimento regional, assim como para gestores, colaboradores, associados e demais segmentos e agentes envolvidos nas dinâmicas internas e externas das agências analisadas no estudo e, ainda, para o cooperativismo, para o cooperativismo de crédito e para a sociedade de modo geral.

E para fins de agregar conhecimentos e práticas ao estudo, sugere-se estudos de caso ou multicaso sobre a aplicabilidade da educação cooperativa com foco na humanização, em outras cooperativas de crédito, em outros ramos de atuação no cooperativismo e, para além da região analisada, podendo conquistar pesquisas de cunho acadêmico-científico em diversas escalas territoriais. E embora os gestores tenham sido relevantes para fornecer informações sobre a temática abordada neste estudo, para fins de investigar com maior profundidade a atuação da educação cooperativa, com foco na humanização e voltada para as práticas cooperativistas, sugere-se futuros estudos levando em conta novos olhares e percepções, incluindo outros importantes segmentos do cenário cooperativista, tais como colaboradores e associados.

### AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo suporte financeiro fornecido para a concretização desta pesquisa.

O estudo atende as especificações das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, está de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510/2016 e foi aprovado pelo Comitê de Ética – CAAE 31434620.7.0000.5350 e Parecer nº 4.098.204.

### REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, A. I. A educação cooperativa numa perspectiva marxista. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS, 6., 2009, Campinas. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas: Unicamp, 2009. p. 1-9. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2009/trabalhos/a-educacao-cooperativa-numa-perspectiva-marxista.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/a-educacao-cooperativa-numa-perspectiva-marxista.pdf). Acesso em: 27 abr. 2021,

ANUÁRIO DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO. Revista MundoCoop. 2020. Disponível em: <https://materiais.somoscooperativismo.coop.br/anuario-do-cooperativismo>. Acesso em: 27 abr. 2021.

AGUIAR, C. S.; REIS, C. N. As origens do cooperativismo e o contraponto aos males das metamorfoses do mundo do trabalho. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 8, n. 3, p. 149- 185, Dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/555>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2018.

BARTZ, C. R. F.; TURCATO, J. C.; BAGGIO, D. K. Governança colaborativa: um estudo bibliométrico e conceitual da última década de publicações. **Desenvolvimento Regional em Debate – DRd**, Canoinhas, v. 9, p. 800-817, jan./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v9i0.2394>.

BIALOSKORKI NETO, S. **Economia e gestão de organizações cooperativas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BRASIL. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15764.htm). Acesso em: 27 abr. 2021.

BÜTTENBENDER, P. L. Desenvolvimento cooperativo. In: GRIEBELER, M. P. D.; RIEDI, M. (Orgs.). **Dicionário de Desenvolvimento Regional e temas correlatos**. Uruguaiana: Conceito, 2017, p. 99-102.

BÜTTENBENDER, P. L.; BRIZOLLA, M. M. B.; DEVES, K. R. Estratégias de gestão e uma cooperativa de crédito resultantes da avaliação econômica e financeira (2013 a 2017). **Desenvolvimento Regional em Debate – DRd**, Canoinhas, v. 10, p. 952-977, jan./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v10i0.2906>.

COSTA, L. S. O cooperativismo: uma reflexão teórica. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, Cascavel, v. 6, n. 11, p. 55-64, 2º sem. 2007. DOI: <https://doi.org/10.48075/revistacsp.v6i11.1500>.

OCERGS-SESCOOP/RS. **Expressão do cooperativismo gaúcho: ano-base 2019**. 2020. Disponível em: <https://www.sescoopr.rs.coop.br/app/uploads/2020/07/expressao-cooperativismo-gaucha-2020-ano-base-2019-consolidado.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FERREIRA, P. R.; SOUSA, D. N. Educação cooperativista: aprofundando o conceito. **Cooperativismo & Desarrollo**, Bogotá, v. 27, n. 2, p. 1-32, jul./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.16925/2382-4220.2019.02.04>.

FONSECA, R. A. *et al.* A importância das cooperativas de crédito como agentes de desenvolvimento regional: um estudo na SICOOB Credicampo. In: CONGRESSO VIRTUAL DE ADMINISTRAÇÃO, 6., 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Convibra, 2009. p. 1-14. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-importancia-das-cooperativas-de-credito-como-agentes-de-desenvolvimento-region>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí: Unijuí, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MILAGRES, C. S.; LACERDA, R. P. Apontamentos sobre a educação cooperativista nas cooperativas do município de Araguaína – TO. **Revista Integralização Universitária – RIU**, Palmas, v. 11, n. 17, p. 46 -59, dez. 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/79006934-Issn-palmas-v-13-n-17-revista-integralizacao-universitaria-riu-palmas-v-13-no-17.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.



MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

NAMORADO, R. **Cooperativismo: um horizonte possível**. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, p. 1-23, 2005. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/229/229.php>. Acesso em: 27 abr. 2021.

OCB. Organização das Cooperativas Brasileiras. **Cooperativismo: gerando trabalho e emprego**. 2018. Disponível em: <https://somoscooperativismo.coop.br/noticia/21082/cooperativismo-gerando-trabalho-e-emprego>. Acesso em: 27 abr. 2021.

OURO-SALIM, O.; BA, S. A. C.; ROSALEM, V. Impacto socioeconômico das cooperativas: contribuição para um mundo melhor. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas – RGC**, Santa Maria, v. 5, n. 10, p. 189-202, jul./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2359043231026>.

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. **Os 7 princípios universais que regem o cooperativismo**. Disponível em: <http://cooperativismodecredito.coop.br/cooperativismo/historia-do-cooperativismo/os-7-principios-do-cooperativismo/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

RODRIGUES, L. M. S. **Agentes comunitários e cooperativismo solidário: o caso da Cresol de Francisco Beltrão**. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1493>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SAFANELLI, A. S. *et al.* A educação cooperativa: valorização do ser humano. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LIDERANÇA E GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2011, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. p. 1-14. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/32873/8.21.pdf?sequence=>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANTOS, B. S.; RODRÍGUEZ, C. Introdução: para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/introprod.html>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SARTOR, C. R.; KNUPPEL, M. A. C. As relações entre o econômico e o social no cooperativismo: algumas reflexões. **Publica Cresol**, Francisco Beltrão, p. 1-11. 2016. Disponível em: <https://publicacresol.cresolstituto.org.br/upload/pesquisa/235.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SAUSEN, J. F. C. L. *et al.* Gestão humanizada aplicada aos princípios e práticas cooperativistas: estudo de caso em uma agência Sicredi. **Desenvolvimento Regional em Debate – DRd**, Canoinhas, v. 9, p. 563-582, jan./dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v9i0.2242>.

SCHNEIDER, J. O. (Org.). **A educação cooperativa e suas práticas**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

SCHNEIDER, J. O. **Educação e capacitação cooperativa**: sua importância e aplicação. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

SICREDI DAS CULTURAS RS/MG. **Relatório anual Sicredi das Culturas RS/MG**. 2021. Disponível em: <https://www.sicredi.com.br/coop/culturasrsmg/documentos/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SILVA, A. J. H.; SILVA, A. H. Protagonismo das cooperativas na promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: reflexões teóricas e agenda de pesquisa. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 19, n. 54, p. 83-103, jan./mar. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2021.54.83-103>.

SOUSA, D. N. *et al.* Temos que saber que a cooperativa é uma empresa diferente: percepções sobre a educação cooperativista. **Revista Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 5, n. 2, p. 35-43, Jan./Fev. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/427>. Acesso em: 15 abr. 2021.

YIN, R. K. **Case study research**: design and methods. Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc., 2015.